

OESP
23/3/96 Pg 4-16
47

LINGÜÍSTICA

Cientistas procuram língua-mãe dos índios

Encontro no Museu Goeldi vai discutir as línguas indígenas e a origem dos primeiros brasileiros

PABLO PEREIRA

Quando Sinfrônio Magalhães caminha pelas ruas da periferia de Boa Vista, capital de Roraima, em busca de sustento que arranja com jardinagem, carrega com ele a trágica realidade de ser o último representante de um povo. Hoje, com 93 anos, Sinfrônio é o único falante da língua maco e um exemplo de etnia em extinção na Amazônia. O emblemático caso desse índio, que em maco se chama Culuta e só ouve palavras de sua idioma quando fala, será debatido em Belém, a partir de terça-feira, no primeiro encontro internacional sobre línguas indígenas, promovido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi.

Na tentativa de impedir que outros povos indígenas tenham o mesmo fim dos maco, ou dos chipaia, da região de

Altamira, que sobrevivem com um ou dois falantes, uma equipe do Goeldi, coordenada pelo lingüista espanhol Francisco Queixalós, vai retomar um debate que vai além do aspecto lingüístico. A discussão deve avançar sobre a polêmica origem dos primeiros habitantes das Américas.

O encontro As Línguas Indígenas da Amazônia na Ciência e nas Sociedades, que vai até dia 29, pode ajudar os pesquisadores a encontrar um caminho que leve ao conhecimento da língua-mãe dos antigos habitantes das florestas amazônicas, cujos troncos originais ainda estão no terreno das hipóteses. "Há hoje no Brasil entre 170 e 180 línguas indígenas", disse Aryon Rodrigues, lingüista da Universidade de Brasília (UnB), que vai fazer a palestra de abertura do encontro.

Os troncos principais, segundo o especialista, são tupi, macro-jê e aruaque. Há um número muito grande de famílias lingüísticas que são consideradas independentes, como a

dos nhambiquara, a de Culuta (maco), a canoê e os txapacura.

"O conhecimento científico sobre esse assunto ainda é precário", avaliou Rodrigues, professor aposentado da UnB, que há quase meio século se dedica à pesquisa no setor. Ele disse que os estudos têm aumentado, mas os índios chamados isolados no Brasil permanecem ameaçados de extinção.

Embora sem dados para dimensionar o perigo que ronda os sobreviventes, Rodrigues acredita que o quadro "é grave". Ele salienta que a riqueza de culturas ainda é significativa. "Ainda se encontram índios com línguas isoladas", afirmou. Segundo ele, os sobreviventes canoê, encontrados pela Fundação Nacional do Índio (Funai), em setembro, no sul de Rondônia, são um exemplo de que "é preciso que alguma coisa

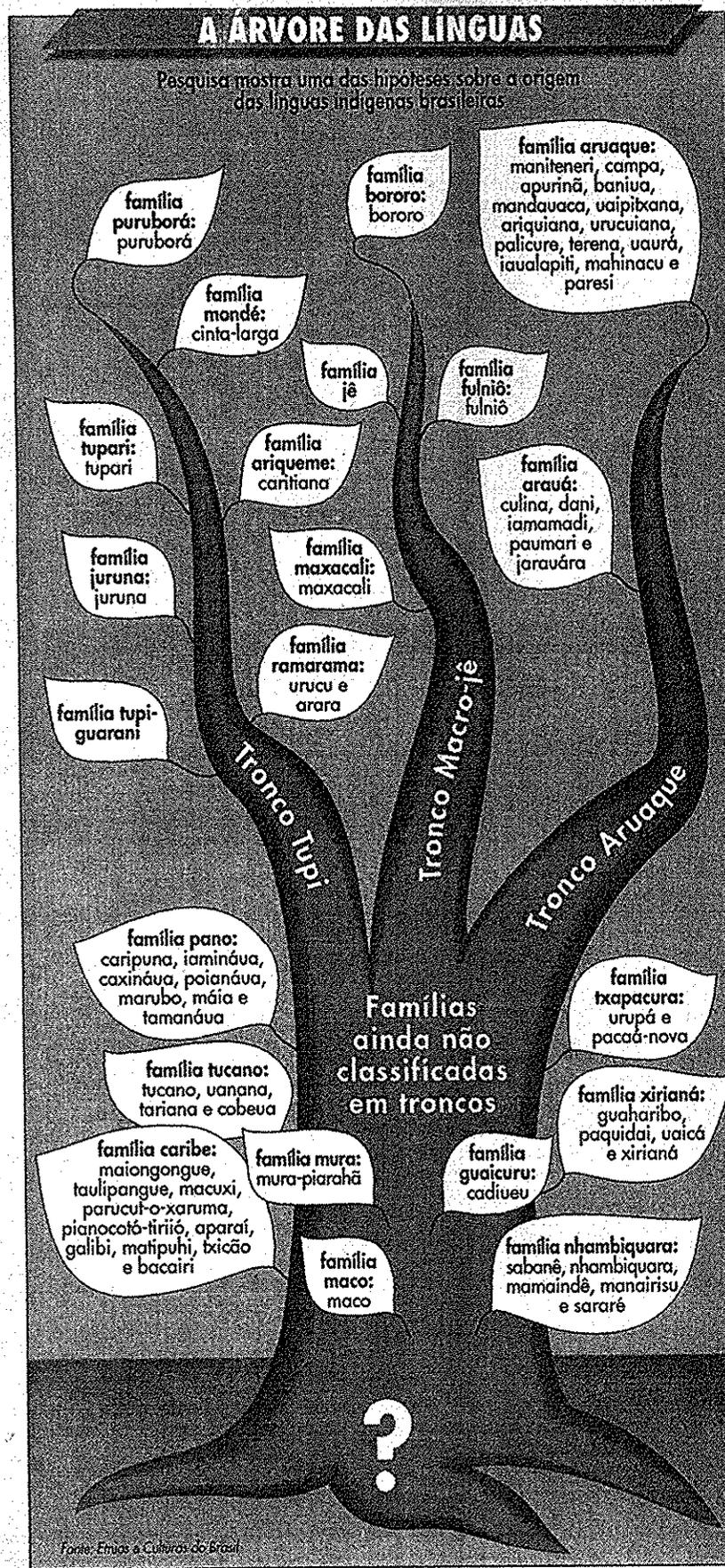
seja feita logo para proteger essa gente".

GRUPOS SOBREVIVEM COM POUCOS FALANTES

O professor adiantou que o lingüista Laércio Baccalar, da Universidade Federal de Goiás, aguarda liberação de bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq) para voltar a Rondônia e continuar o estudo do grupo encontrado na mata de uma fazenda de Corumbiara. É uma tentativa de impedir que os canoê, encontrados também na região de Porto Velho, tenham o mesmo destino do índio Culuta que nasceu e cresceu na fronteira do Brasil com a Venezuela e vive como Sinfrônio, nome dado a ele pela família para a qual trabalhou como peão de fazenda.

Até a década de 30, os maco eram cerca de 200 pessoas. No início da década de 60, o lingüista italiano Ernesto Migliazza publicou um estudo sobre o povo de Culuta. A última esperança para que a cultura maco não desapareça está no livro da pesquisadora Iraguacema Lima Maciel, que mora em Macapá. Depois de quatro anos de contato com ele, Iraguacema faz uma narrativa da vida do velho índio e conta lendas do povo maco no idioma nativo, com tradução para o português. O livro está pronto. Falta apenas quem o edite.



Especialistas temem perda de culturas

O primeiro encontro sobre línguas indígenas da Amazônia terá a participação de especialistas de diversos países amazônicos, como Peru, Colômbia e Bolívia. Os organizadores querem também comparar a situação crítica vivida pelos povos desta região com o que ocorre em outros países que também se preocupam com a perda de suas culturas.

Entre os estudiosos, têm palestras marcadas pesquisadores como Josefa Gonzalez Ventura e Jesús Salinas, que vão falar sobre os índios mexicanos. A situação das línguas indígenas na Austrália será apresentada por David Wilkins. Manuel Prunyonosa vai abordar as minorias na Europa.

O encontro deve ter também uma inserção na Internet. Segundo o pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, Denny Moore, responsável pela área de lingüística, "a idéia é levar o debate para a rede". Ontem, ainda sem o endereço definido na Internet, Moore explicou que o encontro deve apontar parâmetros que vão orientar a pesquisa.

Os organizadores esperam fechar o encontro com um balanço numérico da realidade das diversas línguas. "Somente a partir daí é que vamos conseguir saber mais exatamente o número de línguas que correm perigo de extinção", afirmou Moore.

Segundo o lingüista, os Estados do Pará e Amazonas têm uma variedade de línguas que corresponde à da Europa Ocidental. "São 25 línguas faladas nestes Estados."

No mundo, há 6.000 línguas sendo faladas e 100 delas correm perigo de extinção. Na América do Norte, uma lista de outros 100 têm menos de 300 falantes.